

#aiqueromantico: a intimidade em três cliques #whataromanticthing: privacy in three clicks

Francisco Vieira da Silva*
Éderson Luís da Silveira**

RESUMO: No intuito de examinar as condições de possibilidade que fazem emergir os discursos sobre si na mídia, esse texto analisa determinadas materialidades discursivas veiculadas na *web*. Trata-se de notícias veiculadas na mídia digital que espetacularizam a intimidade do sujeito celebridade. Para tanto, tomamos como aparato teórico a Análise do Discurso, na forma como vem sendo desenvolvida no Brasil, mais precisamente a partir das interlocuções de Michel Foucault e Michel Pêcheux. Esse estudo segue um viés marcadamente descritivo-interpretativo, de cunho qualitativo. A análise de tais materialidades sublinha uma tendência de proporções globais intrinsecamente relacionada à sociedade do espetáculo (DEBORD, 2003), que preconiza, muitas vezes de forma tácita, a supressão das balizas historicamente moldadas em torno da vida pública e da intimidade.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Intimidade. Sujeito-celebridade.

ABSTRACT: In order to examine the conditions that make emerging the speeches about oneself in the media, this text examines certain discursive materialities broadcast on the web. It deals with reports published in digital media that reveals the intimacy of the subject celebrity. Aiming at studying these reports, this work is based on the theoretical apparatus of Discourse Analysis, in the way that it has been developed in Brazil, more precisely from the interlocutions of Michel Foucault and Michel Pêcheux. This study follows a distinctly descriptive-interpretive bias, of qualitative nature. The analysis of such material shows a trend of global proportions intrinsically related to the society of the spectacle (DEBORD, 2003), which advocates, often in a tacit manner, the abolition of historically shaped beacons around the public life and intimacy.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Privacy. Celebrity-subject.

1. Introdução

Que mecanismos movem uma celebridade? O que é exatamente uma celebridade? Como se sentem aqueles que estiveram no centro do espetáculo e involuntariamente tiveram que deixá-lo? [...] O que leva uma garota que dá aulas de ioga para cegos a querer ver sua imagem nua impressa numa revista? Afinal, o que os ícones e símbolos que elegemos dizem sobre nós? (Paulo Lima, editor da Revista Trip)

Iniciaremos esse texto utilizando como prelúdio um excerto da obra “Confissões”, de Santo Agostinho, mais precisamente a passagem intitulada “Por qual motivo Agostinho

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

** Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

relembra suas culpas”. Transcrevemos o excerto a seguir, para posteriormente tecermos algumas considerações:

Quero recordar as minhas torpezas passadas, as corrupções de minha alma, não porque as ame, ao contrário, para te amar, ó Meu Deus. É por amor do teu amor que retorno ao meu passado, percorrendo os antigos caminhos dos meus graves erros. A recordação é amarga, mas espero sentir tua doçura que não engana, feliz e segura, e quero recompor minha unidade depois dos dilaceramentos interiores que sofri quando me perdi em tantas bagatelas, ao afastar-me de tua Unidade [...] (AGOSTINHO, 1984, p.43).

Conforme podemos entrever, a partir da leitura do fragmento supracitado, o motivo que leva esse filósofo a fazer um sobrevoos sobre o seu passado, a fim de rastrear suas falhas, reside na necessidade de purgá-las ante o perdão divino e conseguir a tão almejada salvação, normalmente vinculada à dramaticidade de um acontecimento (FOUCAULT, 2006a). Após este (re)encontro com o passado, Agostinho espera ir ao encontro de Deus para formar toda uma unidade que fora desbotada, em função das “bagatelas” que sobre ele se instalaram. Há, nesse caso, uma razão que se atrela de modo sensível à religião, uma vez que a confissão mobilizada por Agostinho situa-se no âmbito desse regime de enunciabilidade.

Mas, voltando aos dias de hoje, é necessário interrogarmos: a que sistema de enunciabilidade as confissões realizadas na mídia obedecem? Diferentemente de Santo Agostinho, tais confissões, responsáveis por um incessante retorno ao passado e pela exposição de aspectos constitutivos da vida íntima, seguramente não se ligam à esfera da religião. Noutras palavras, não é para ganhar o perdão divino que as pessoas contam de modo minucioso suas falhas, seus desejos mais ocultos, enfim, suas verdades... Vivemos numa época que prima pela exibição de si, o que envolve a publicização de fatos, sentimentos e atitudes que outrora deveriam se limitar ao recato da interioridade psicológica, às confidências com os amigos mais próximos, ao compromisso ético-profissional do padre ou do psicanalista.

A erosão dessa interioridade, gestada na cultura burguesa do século XIX, intensificou-se de modo exponencial a partir da segunda metade do século passado, com o recrudescimento da chamada *cultura de massa* e ganhou novos matizes com o desenvolvimento das tecnologias digitais. Para Sibilía (2008), a rede mundial de computadores tronou-se um terreno propício para experimentar e engendrar subjetividades ancoradas sobremaneira na exibição de si.

Dessa forma, toda uma cultura da visibilidade se impôs e trouxe consigo um culto exarcebado a personalidades construídas na/pela mídia. Essas personalidades midiáticas estão, normalmente, destituídas de quaisquer tipos de pudor, de vergonha, de embaraço – aqui

entendidos como construções históricas cada vez mais perceptíveis na constituição do homem ocidental em meados do século XVI. A afirmação anterior vai ao encontro daquilo que elucida Elias (2008), ou ainda numa acepção em que o pudor se refere a toda espécie de véu, de máscara (FERRAZ, 2010) – principalmente no que concerne ao contínuo (des)velar da intimidade.

Se antes os sujeitos ruborizavam-se em contar seus segredos, hoje muitos só se constituem como tais, a partir do momento em que se mostram, explicitando exaustivamente a vida privada, nas mais variadas possibilidades ofertadas pela mídia, em suas diferentes ramificações.

Desse modo, discutimos neste texto o fenômeno da exibição da intimidade, concebendo-o como uma mutação sócio-histórica pontual na constituição do sujeito contemporâneo, mais precisamente do sujeito-celebridade, produzido no cerne da visibilidade midiática. Trata-se, portanto, de uma sociedade pós-burguesa¹, uma vez que se supõe um abalo nos fundamentos do contrato que ordenava a vida social a partir do século XIX (KEHL, 2004). Abarcando essa constatação, não deixamos de reconhecer o fenômeno do espetáculo (DEBORD, 2003) ao qual a sociedade de hoje se vincula de forma intrínseca. Nesse ínterim, a mídia ocupa uma posição relevante, pois se constitui como uma instância privilegiada de produção e circulação de discursos.

Alimentando um voyeurismo desmedido, a explosão de discursos sobre a vida privada coaduna-se com o reconhecimento de confidências e revelações como mecanismos inequívocos de constituição dos sujeitos. O sucesso editorial das (auto)biografias, por exemplo, assinala essa constatação, na medida em que falar de si é uma forma de se constituir como uma marca, um produto a ser consumido por ávidos leitores interessados em descobrir a “verdade” escondida nos recônditos do sujeito-celebridade. Logo, “é compreensível que qualquer dado biográfico tenha se tornado um relicário e uma forma de apropriação mágica do ídolo” (MARKENDORF, 2010, p.322). Com vistas a endossar esse quadro, é importante sinalizarmos para a espantosa ficção de si engendrada no *ciberespaço*, com o advento dos *blogs* e das redes sociais.

Pensando essas questões na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa(AD), conforme praticada no Brasil, a partir dos diálogos teóricos entre Michel Foucault e Michel Pêcheux, elegemos como materialidade para análise notícias veiculadas na *internet*, que tratam

¹ Esse termo está sendo empregado para designar que as mudanças a que foram submetidos os sujeitos no âmbito da visibilidade midiática nos possibilita pensar num novo modo de encarar o sentimento de uma intimidade interiorizada erigido em meados do século XIX. Esse esclarecimento visa a impossibilitar possíveis interpretações que remetam a uma elisão das classes sociais.

da vida privada de sujeitos que, iluminados pelas luzes do espetáculo, não relutam em mostrar-se, em tornar evidente as peculiaridades e a banalidade da vida cotidiana.

Assim, num tempo marcado prioritariamente pela cultura da imagem, todos são transformados “em platéia ou em multidão de consumidores da (aparente) subjetividade alheia” (KEHL, 2004, p.66). Na tentativa de discutir essas questões, os estudos alicerçados no solo epistemológico da AD tem-se voltado de forma constante para o exame de diversos enunciados que circulam socialmente e integram-se a outros enunciados, como um *nó em uma rede* (FOUCAULT, 2010), erigidos por meio dos discursos na superfície instável da língua(gem). Esquadrinhar esses discursos pode ser de utilidade para interrogarmos sobre *quem somos nós hoje*, de acordo com o que já inquietava as teorizações foucaultianas, perscrutando genealogicamente a preocupação nietzschiana do *como se chega a ser o que é*.

2. Da intimidade interconectada e onipresente

Discutir acerca das condições que permitem a emergência dos discursos sobre a intimidade na mídia redonda em rastrear as redes de memória que circundam a produção discursiva do sujeito, cujos dizeres nos interessam, qual seja: o sujeito-celebridade. Ao concebermos esse sujeito como uma construção sócio-histórica, somos levados a voltar genealogicamente nas teias sinuosas da história, a fim de entrevermos a irrupção dos discursos que falam e que fazem falar esse sujeito.

Assim, inspiramos nosso olhar na constituição dos astros e estrelas do cinema americano da primeira metade do século passado, mais precisamente sobre a forma como a imprensa especulava a vida pessoal desses artistas, transformando-os em fetiches, em objetos de consumo. Nessa medida, a indústria do entretenimento apropriou-se de modo vertiginoso dessa vontade de saber por parte do público acerca da intimidade dos *semideuses* hollywoodianos, de modo que os diferentes canais midiáticos não cessaram em publicizar os detalhes que circunscreviam o domínio da esfera íntima desses sujeitos. Em síntese, são os heróis e heróinas da vida privada, conforme salienta Morin (1984).

A mídia, nesse sentido, “[...] ao mesmo tempo em que investe os olímpicos de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação” (MORIN, 1984, p.107). Os milhares de fãs, sedentos por terem acesso a qualquer informação acerca dos seus ídolos, constituíam-se em assíduos

consumidores/espectadores de determinados veículos midiáticos interessados em “fofocar” a privacidade dos astros, como as revistas de variedades e/ou os programas de TV.

Hoje a mídia não somente especula essa intimidade, como espetaculariza determinados discursos já produzidos noutras instâncias, principalmente na rede digital. O advento da *internet* potencializou a proliferação de discursos sobre si, e o sujeito-celebridade não ficou incólume a essa mudança, permitindo, pois, uma maior aproximação (virtual!) com o público. Assim, é comum os famosos terem perfis nas redes sociais e compartilharem com os fãs-seguidores fotos, declarações, polêmicas, registrando, em alguns casos, aspectos considerados banais, mas que para esse destinatário específico possui a devida relevância. Dessa forma, os discursos engendrados em tais redes reverberam noutros veículos midiáticos, de modo a compor toda uma atmosfera de vozes uníssonas que recobrem o *show* da vida íntima. Da tela da TV à tela do computador, assistimos a um contínuo desfilar de intimidades exibidas despudoradamente ao olhar dos outros.

Esse cenário que aponta para uma incessante exibição da privacidade precisa ser problematizado, pois não se trata tão-somente de afirmar que a intimidade, tal como fora engendrada ao longo da história, está se tornando pública. Autores como Sibilia (2008) chegam a defender a existência de um fenômeno novo, no sentido de concebê-lo enquanto algo que extrapola os limites da díade público-privado, erigida de modo rígido na denominada sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1999). De acordo com aquela autora, esse fenômeno

[...] Em algum sentido, é comparável ao papel da censura na hipótese repressiva desmentida por Foucault no que tange à sexualidade: em vez de se ressentir por temor a uma irrupção indevida em sua privacidade, as novas práticas dão conta de um desejo de evasão da própria intimidade, uma vontade de se exhibir e falar de si (SIBILIA, 2008, p.77)

Complementando a reflexão supracitada, sublinhamos que a escrita foucaultiana, repleta de um riso evidente, de “uma divina comédia das punições” (DELEUZE, 2005, p.33) traz à baila insinuações pertinentes acerca do prazer que a confissão desencadeava naquele que escutava o confidente. De fato, o falar de si vincula-se de modo indissolúvel à prática da confissão, nas múltiplas instâncias em que esta se efetuava. Destarte, “[...] o indiscreto desejo de saber, traduzido igualmente pela investigação lateral junto a familiares e vizinhos, conduz a um controle absoluto da mais secreta intimidade da pessoa” (CORBIN, 2010, p.509-510).

A partir dessa lógica, observamos, nos dias de hoje, as expressões jubilosas de jornalistas, repórteres e apresentadores de TV quando conseguem extrair os “segredos” mais

íntimos dos seus entrevistados. Assim, enxergamos a mídia como um dispositivo que incita o sujeito a voltar-se sobre si mesmo, “ao governar-se, mas sempre atrelado ao governo do outro: nós nos confessamos para que o outro [...] nos devolva a nossa verdade” (FISCHER, 2012, p.116). Por outro lado, constatamos em determinados setores da sociedade indícios de resistência a essa contínua evasão da privacidade, já que, conforme assevera Foucault (2008), as estratégias de resistência são concomitantes às relações de poder.

Nesse sentido, apontamos, por exemplo, a iminente preocupação com a preservação da privacidade, especialmente no que tange às informações consideradas sigilosas, como senhas de contas bancárias, de cartões de crédito, registros de telefonemas, dentre outras.² A exibição de si, principalmente na rede digital, esbarra em determinadas atitudes e ações voltadas à necessidade de manter sob o sigilo certos aspectos da ordem do privado, com vistas a escapar da bisbilhotice “anônima” que ronda o *ciberespaço* e que se evidencia de modo sensacionalista em inúmeras notícias e reportagens veiculadas pela imprensa acerca da atuação dos *hackers* e/ou casos de espionagem ilícita.

De forma similar e abrindo um breve parênteses para apresentar um exemplo recente na cena midiática brasileira, convém citar a atuação do grupo *Procure saber* – formado por artistas como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Roberto Carlos, dentre outros e encabeçado pela empresária Paula Lavigne – que propõe (re)discutir o cumprimento de leis voltadas à publicação de informações concernentes à vida pessoal dos cidadãos, principalmente no que respeita a questão das biografias não-liberadas.

Esse embate ganhou contornos mais sólidos quando a Associação Nacional de Editores de Livros (Anel) entrou com uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin) no Supremo Tribunal Federal (STF), a fim de rever os artigos do Código Civil relativos à preservação da vida privada. Nesse ínterim, os integrantes do *Procure saber* tem produzido uma série de discursos contrários à comercialização de biografias não-autorizadas, de modo a inflamar uma discussão que, em parte, constitui uma estratégia de resistência ao fenômeno de exibição da intimidade característica dos dias atuais.

² Um exemplo prototípico dessa discussão diz respeito ao caso da atriz Carolina Dieckmann, cujas fotos íntimas foram furtadas e divulgadas na *web* em maio de 2012. A repercussão desse caso reacendeu o debate em torno da preservação da intimidade no cerne da cultura digital e culminou com a promulgação da lei 12.737/12, que criminaliza a invasão de aparelhos eletrônicos para a obtenção de dados particulares. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/04/lei-carolina-dieckmann-que-pune-invasao-de-pcs-passa-valer-amanha.html>. Acesso em 26. out. 2013.

Embora não nos interesse perscrutar esses discursos, consideramos pertinente mencionar esse debate, no intuito de apontar que a questão da intimidade congrega em torno de si saberes (principalmente os que advêm da esfera jurídica) e poderes (o direito de comercializar ou não biografias não-autorizadas), corroborando assim com o pensamento de Foucault (2008) acerca da íntima relação entre saber e poder.

Em suma, atentamos para o fato de a produção de discursos estar relacionada a determinadas condições de possibilidade que permitem essa explosão discursiva, em conformidade com a sociedade do espetáculo, na qual “o que aparece é bom e o que é bom aparece” (DEBORD, 2003, p.12). Neste sentido, para que tenha uma existência no âmbito da mídia, muitos sujeitos tornam visíveis diferentes aspectos da intimidade que antes estavam circunscritos ao domínio da vida privada.

Seguindo a lógica de que é necessário aparecer a todo custo, esses sujeitos não hesitam em fazer declarações que certamente “bombarão” em inúmeros canais midiáticos. Logo, os discursos produzidos por esses sujeitos não estão divorciados da historicidade, já que esta é inerente a todo discurso (PÊCHEUX, 2006). Investigar essa produção discursiva significa entender os acontecimentos cotidianos dos dias de hoje marcados pela mídia e pensar sobre os processos discursivos que sustentam uma genealogia do presente (GREGOLIN, 2003).

Vale reiterar ainda que a noção de intimidade – concebida como algo construído historicamente por meio de diversas práticas e discursos – atravessa diferentes campos da vida social, que envolve desde o discurso da etiqueta e dos bons modos até as formas de moradia, por exemplo. Sobre essa última, convém atentarmos para o fato de a constituição das casas, especialmente para a divisão em espaços que demandam certa privacidade e recato, refletir a necessidade de o sujeito interiorizar-se e daí exercitar uma escrita de foro íntimo, dentre outras ações voltadas para um intensa gestão de si no período oitocentista. Ao levantarmos cada pregação da história, a fim de olharmos o que fizemos e como fizemos (MILANEZ, 2007) no que diz respeito à relação do sujeito com sua intimidade, é necessário considerar que “a nova solidão do leito individual conforta o sentimento de pessoa, favorece sua autonomia; facilita o desabrochar do monólogo interior, as modalidades da prece, as formas do devaneio [...]” (CORBIN, 2010, p.440).

Todo esse cenário preconiza a assunção de subjetividades predominantemente voltadas para o interior do sujeito, cuja existência vincula-se a lugares reservados, a ambientes silenciosos e calmos, à discrição de jardins e à penumbra dos quartos individuais, emoldurando,

pois, a constituição de um sujeito, para quem é necessário manter muitos aspectos de sua vida distante dos olhares intrometidos dos outros.

Atualmente, temos verificado um interesse de proporções globais acentuado com o advento da *internet* que se contrapõe a essa interioridade, uma vez que incita a exibição da intimidade em todas as dimensões que esse conceito abarca, incluindo aí o descortinar da intimidade em certos dispositivos como a *webcam*, em que os sujeitos não cessam de mostrar tudo que outrora se escondia, com ênfase para os espaços privados como quartos e banheiros.

4. Quando dizer é aparecer³

Sem concordar completamente com a tese segundo a qual os meios de difusão ganham primazia sobre as ideias veiculadas, tomando assim o lugar da mensagem (CERTEAU, 1998), não deixamos de reconhecer, por outro lado, o papel crucial que determinadas tecnologias exercem sobre a produção de certos discursos. Nessa medida, pensando de maneira particular no nosso objeto de estudo, acreditamos que as tecnologias digitais favorecem a proliferação de discursos que tematizam a questão da intimidade, dando-lhe outros contornos. Nos excertos que seguem, oriundos de notícias publicadas no site Ego⁴, poderemos problematizar essa discussão de forma mais específica:

Excerto 1

Marquezine recebe flores de Neymar e se declara: ‘Te amo cada dia mais’

Atriz mostrou registro do mimo em seu perfil no Instagram, nesta terça, 29.

Mesmo longe, [Neymar](#) não deixa de fazer surpresas para a namorada. Nesta terça-feira, 29, o jogador do Barcelona mandou flores para [Bruna Marquezine](#), que postou o mimo em seu perfil do Instagram. "Depois de um dia de trabalho, chegar no hotel e receber esse mimo não tem preço! Neymar Jr, eu te amo cada dia mais, e a saudade só aumenta! Amei a surpresa... Obrigada amor!", escreveu ela colocando ainda as hashtags “#choreiquenemcriança”, “#amordaminhavidá”, “#contandoashoraspratever” e “#aiqueromantico”. (Ego, 29/10/2013)⁵

O campo da vida amorosa, desde o momento de construção do sentimento de intimidade, foi um dos principais elementos que compõem esse quadro sócio-histórico, conforme atesta

³ O título dessa seção faz um trocadilho com o título da tradução brasileira (Quando dizer é fazer, 1990) da obra *How to do things with words*, do autor inglês J. L. Austin.

⁴ Desde maio de 2013, temos feito incursões frequentes nesse *site*, em busca de dados para a constituição de um *corpus* de pesquisa, formado por notícias e/ou pequenas notas informativas que versam, de algum modo, sobre a intimidade do sujeito-celebridade.

⁵ Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2013/10/marquezine-recebe-flores-de-neymar-te-amo-cada-dia-mais.html>. Acesso em 29. out. 2013.

Corbin (2010). Na sociedade do espetáculo, os amores são publicizados à exaustão e corporificam-se através de inúmeras declarações e fotos que circulam reiteradamente pela rede eletrônica.

A notícia acima ilustra o que estamos afirmando, na medida em que a jovem, a quem foram endereçadas as flores, sente a necessidade de mostrá-las e agradecer ao amado nas redes sociais. Indubitavelmente, o relacionamento desse casal permanece continuamente sob a mira da imprensa, desde quando não passava de uma mera especulação inúmeras vezes desmentida por ambos.

Assim, o desdobramento desse enlace amoroso é frequentemente abordado nas diferentes vitrines midiáticas, mas uma peculiaridade chama a atenção na notícia anteriormente expressa e diz respeito ao fato de ela reverberar um discurso advindo das redes sociais. Em síntese, foi a própria Bruna quem postou uma foto com as flores (“o mimo”) que ganhou do namorado e não a mídia que a sondou para obter informações. Isso significa dizer que o sujeito-celebridade, muitas vezes, iluminado com as luzes do espetáculo, produz discursos sobre si nos mais variados perfis existentes na *web* e compartilha com os fãs-seguidores detalhes cotidianos de suas intimidades.

A partir dessa externalização discursiva, esse sujeito se constitui e é constituído. No caso da notícia acima, convém registrar a heterogeneidade enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 2004) que perpassa de maneira constitutiva esse gênero. Assim, o sujeito-jornalista dá a voz ao discurso de Bruna Marquezine, marcando-o linguisticamente por meio das aspas (“Te amo cada dia mais”). Além de todo o excerto que se refere à postagem de Bruna na rede social, a notícia também traz como discurso do outro as *hashtags*⁶ utilizadas pela atriz para indexar a foto junto ao *Instagram*. Ao trazer esses dizeres, procurando especificá-los no interior das condições que permitiram a sua emergência, a notícia espetaculariza ainda mais a intimidade do sujeito-celebridade.

No exemplo a seguir, o sujeito-celebridade consegue ir mais além no que concerne à exposição da intimidade, uma vez que grava um vídeo para explicar aos fãs-seguidores o porquê do término do seu relacionamento amoroso. Vejamos o que diz a notícia:

⁶ *Hashtags* são palavras-chave antecedidas pelo símbolo “#”, que designam o assunto discutido em tempo real no *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*. As *hashtgs* viram *hiperlinks* dentro da rede e são indexáveis pelos mecanismos de busca (*Site Wikipédia*).

Excerto 2

Mateus Verdelho comentou o fim do relacionamento de três meses com Bárbara Evans ⁷

O modelo gravou um vídeo e postou em seu perfil no Twitter nesta terça-feira, 29, ressaltando que o motivo da separação não foi traição.

“Quero agradecer ao apoio para mim e para Bárbara. E falar pra os que estão falando mal da gente que não aconteceu nada, não teve traição, não teve nada demais [...]”, explicou no vídeo. (Ego, 29/10/13)

O exemplo anteriormente exposto traduz uma das especificidades do fenômeno sobre o qual centramos nosso olhar analítico. Embora seja necessário ressaltar que o relacionamento amoroso do sujeito tematizado pela notícia tenha se iniciado sob o olhar do público, tendo em vista que ele e sua namorada participaram de um *reality show*, é preciso reconhecer que se exibir na rede digital é uma característica que transcende o fato de serem pessoas com certa notoriedade (até entrarem no ostracismo!).

Em *sites* de compartilhamentos de vídeo, como o *Youtube*, por exemplo, encontramos em demasia vídeos que retratam momentos amorosos de casais de diferentes partes do mundo, mais precisamente declarações de amor embaladas por músicas que tipificam o campo amoroso. O que antes não necessitava ser mostrado, agora precisa ser visto para existir. Desse modo, “sou o que aparento e, estou, portanto, exposto ao olhar do outro, sem lugar para me esconder, me refugiar, estou à mercê do outro” (ORTEGA, 2006, p.47).

O ocaso da ligação amorosa entre Mateus e Bárbara vem à tona com tamanha ênfase porque essa união foi constituída em público, comemorada ou indesejada por uma plateia de espectadores. Nesse cenário, a noção de uma intimidade, tal como historicizamos nesse texto, parece obsoleta, *vintage*, anacrônica. No universo translúcido da tela (TV, computador, celular), as fronteiras de uma intimidade interiorizada se mitigam; assim, tudo se desenrola diante dos olhos do público, mas ele não pode tocar, aderir corporalmente àquilo que contempla (MORIN, 1984). Podemos depreender a partir dessa discussão que, particularmente no caso do sujeito-celebridade, inexistem limites entre aquilo que deveria ser preservado das vistas dos outros e o que precisa ser dito ou mostrado.

⁷ Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2013/10/mateus-explicacao-separacao-de-barbara-evans-nao-teve-traicao.html>. Acesso em 01. nov. 2013.

A partir destas considerações, analisar os discursos provenientes desse momento atual exige repensar o olhar de analista no âmbito da cultura das mídias, principalmente a digital pois, como menciona Pierre Lévy:

Estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço no plano econômico, político, cultural e humano. Que tentemos compreendê-lo, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para vida social e cultural. (LÉVY, 1999, p.12)

Esse olhar precisa estar em sintonia com as diferentes peculiaridades intrínsecas aos tempos hodiernos, caracterizados pela liquidez e instabilidade dos discursos, dos sujeitos e da rede eletrônica. No último fragmento selecionado para essa análise – retirado do site *F5* – vislumbramos a publicização de revelações que remetem à história de vida de determinados sujeitos, isto é, a um passado que, para alguns, deveria ser desterrado.

Excerto 3

Raul Gazolla confirma ter dormido com Cláudia Raia quando ela era casada com Frota⁸

O ator confirmou ter mantido relações sexuais com Cláudia Raia enquanto ela ainda estava casada com Alexandre Frota.

A informação é da coluna Olá assinada pela jornalista Vivian Masuttie publicada no jornal "Agora" desta quarta-feira (9).

"Eles estavam em crise, mas não foi uma conduta bacana com um amigo", disse Gazolla à publicação.

Essa foi a primeira vez que o ator assumiu ter transado com a mulher do amigo.

Cláudia não foi encontrada para comentar a confissão. Mas é fato que a atriz não tem gostado da repercussão do livro de Frota, de quem está separada há 23 anos.

Frota revelou que sabia da traição em sua biografia "Identidade Frota: A Estrela e a Escuridão".

O apresentador disse que Cláudia Raia e Raul Gazolla sempre negaram a relação, mas que isso ficou "marcado no coração". (F5, 10/10/13)

A priori, é necessário mencionar o caráter rizomático assumido por essa notícia, uma vez que se trata de uma informação inicialmente publicada numa coluna de jornal ("Jornal Agora"), mas que antes estivera presente numa biografia ("Identidade Frota: A Estrela e a Escuridão"). Essa exibição de fatos concernentes à esfera da intimidade se dá numa

⁸ Disponível em: <http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2013/10/1353962-raul-gazolla-confirma-que-dormiu-com-claudia-raia-quando-ela-era-casada-com-frota.shtml> Acesso em 20. out. 2013.

interconexão de diferentes mídias, de modo a acentuar o que estamos defendendo ao longo deste trabalho.

Outro aspecto a ser focado diz respeito a revelações íntimas de um passado longínquo que necessita ser rememorado. A biografia constitui um dos gêneros em que tal aspecto se delineia de um modo mais visível, daí a intensa disputa em que se esgrimam biógrafos e famosos, conforme já destacamos anteriormente. A interdição desses discursos (FOUCAULT, 2009) visa a manter a intimidade de determinados sujeitos sob o manto do segredo, o qual parece não encontrar mais lugar na sociedade do espetáculo.

No terreno em que se erige o sujeito-celebridade também cabem confusões, escândalos e traições. A mídia que (des)constrói essas personagens também as desqualifica de variadas formas. Especular constantemente acerca de um passado considerado obscuro por determinados sujeitos constitui uma estratégia para enxertá-los em situações vexatórias.

Por outro lado, em alguns casos, são os próprios sujeitos que, para se manterem em cartaz, produzem discursos sobre momentos já vividos, os quais podem, em maior ou menor grau, atingir ou mesmo macular a imagem de outrem. Isso acontece com a notícia acerca do adultério de Cláudia Raia, uma vez que uma das partes envolvidas (Raul Gazolla) teria confirmado o envolvimento entre os dois, de maneira que essa revelação incidirá potencialmente sobre a atriz, por questões culturais e de gênero, as quais ainda veem com certa antipatia a infidelidade feminina. A notícia insinua o mal-estar que essa confidência teria causado na atriz, pois ela “não tem gostado da repercussão do livro de Frota”. Em linhas gerais, essa notícia exhibe uma das facetas da miríade de discursos sobre a vida privada na mídia.

5. Considerações Finais

Nesse trabalho, investigamos as condições de possibilidade que impulsionam a aparição dos discursos sobre si na mídia, com ênfase naqueles relacionados à intimidade do sujeito-celebridade. Destarte, empreendemos uma breve análise de notícias veiculadas na rede digital, situando-as no cerne da cultura do espetáculo.

Assim, a midiaticização da política (PÊCHEUX, 2006), da religião, do conhecimento, da língua, da memória e, por conseguinte, dos sujeitos desembocam na midiaticização/espetacularização de si. Entendendo que os discursos obedecem a uma ordem (FOUCAULT, 2009) e são produzidos no seio de um determinado regime de enunciabilidade, a partir do qual se propõe os dizeres que serão enunciados e veiculados indefinidamente, é

possível conjecturar que os discursos provenientes da esfera midiática, ao contrário das confissões de Santo Agostinho, não se agrupam no âmbito da religião, mas estão em conformidade com uma tendência de proporções globais intrinsecamente relacionada à sociedade do espetáculo, que preconiza a supressão das balizas historicamente moldadas em torno da vida pública e da intimidade.

As implicações do ponto de vista mercadológico acentuam um interesse pela vida privada da celebridade, o que inclui os pormenores de sua intimidade e o seu peculiar modo de ser (SIBILIA, 2008). Nessa ciranda, os sujeitos procuram fazer de sua identidade uma marca, de modo a se distanciar dos seus pares e dos inúmeros sujeitos sedentos por adentrarem no disputado mundo da fama. Isso pressupõe a criação de um sujeito “autêntico”⁹, que não tem nada a esconder. Para tanto, faz-se preciso publicizar acontecimentos de foro íntimo e dar satisfações sobre sua privacidade para o público que os acompanha. Urge, portanto, “descobrir a verdade, ser esclarecido pela verdade, dizer a verdade [...] e outras tantas imposições consideradas importantes, quer para a constituição, quer para a transformação de si” (FOUCAULT, 2006b, p.95).

Nos três exemplos analisados, cotejamos a assunção da intimidade na mídia com o cenário sócio-histórico atual no qual é premente despir-se de uma interioridade psicológica, consolidada principalmente em meados do século XIX. Conforme explicitamos, essa interioridade propugnava o silêncio e a reclusão como condição *sine qua non* para o conhecimento de si e exercício da intimidade.

Ainda nos primeiros tempos do século XXI, podemos observar o substancial enfraquecimento dessa forma de se relacionar consigo e com os outros. Com o advento da cultura das mídias, é preciso confessar-se diante do público, exhibir-se despididamente nas telas da *web*, ser visto pelos outros, ostentar subjetividades-luxo (ROLNIK, 1997), estar em cartaz. Como bem resume Mick Jagger (1993, p.36): “Desde que minha foto esteja na primeira página, não quero saber o que escreveram sobre mim na página noventa e seis”.

Referências

AGOSTINHO, S. **Confissões**. Trad. Maria Luiza J. Amarante. São Paulo: Paulinas, 1984.

⁹ Sobre essa noção de autenticidade na constituição do sujeito celebridade, convém mencionar o trabalho de Campanella (2013), no qual o autor propõe uma reflexão acerca da importância do conceito de autenticidade para a audiência de reality shows, em particular do Big Brother Brasil.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: estudo enunciativo do sentido. Trad. L. B. Barsiban & V. N. Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CAMPANELLA, B. Tirando as máscaras: o *reality show* e a busca pela autenticidade no mundo contemporâneo, **E-Compós**, Brasília, v.16, n.1, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/872/658>. Acesso em 10. nov. 2013.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. artes do fazer. Trad. Ephraim P. Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

CORBIN, A. O segredo do indivíduo. In: PERROT, M. (Org.). **História da vida privada**, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Trad. Denise Bottmann & Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. E-book digitalizado por Coletivo Periferia e E-Books Brasil, 2003.

DELEUZE, G. **Foucault**. Trad. Cláudia S. Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes, v.1. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

FERRAZ, M. C. F. **Homo deletabilis**: corpo, percepção e esquecimento do século XIX ao XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

FISCHER, R. M. B. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **A Hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca & Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. Sexualidade e Solidão. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ética, sexualidade e política**. 2. ed. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. (Coleção Ditos e Escritos V).

_____. **Microfísica do poder**. 25. ed. Trad. Roberto Machado. São Paulo: Graal Edições, 2008.

_____. **A ordem do discurso**. 19. ed. Ed. M. J. Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GREGOLIN, M. R. A história como espetáculo. In: _____. (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

JAGGER, M. Imprensa. In: CASTRO, R. (Ed.). **O poder de mau humor** – uma antologia de citações sobre política, dinheiro e sucesso. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

KEHL, M. R. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, E.; _____. **Videologias**: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo. Editora 34. 1999.

LIMA, P. Saciedade de espetáculo? Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/revista/226/editorial/saciedade-de-espetaculo.html>. Acesso em 26. out. 2013.

MARKENDORF, M. Da star à escritora-diva: a dinâmica dos objetos na sociedade de consumo, **Revista de Estudos Feministas**, v.18, n.2, maio-agosto 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/14932>. Acesso em 10. fev. 2013.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo. 6. ed. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

MILANEZ, N. **As aventuras do corpo**: dos modos de subjetivação às memórias de si em revista. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara – SP, 2006.

ORTEGA, F. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Orgs.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 2006.

PÊCHEUX, M. **Discurso**: estrutura ou acontecimento? 4. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.

ROLNIK, S. Taxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. (Org.). **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. Campinas: Papyrus, 1997.

SIBILIA, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Artigo recebido em: 30.01.2014

Artigo aprovado em: 31.03.2014